

No labirinto da escrita: a tentação autobiográfica em três romances de Antonine Maillet

Prof. Dr. Renato Venâncio Henrique de Sousa¹ (UERJ)

Resumo:

Nossa comunicação busca refletir sobre as relações entre o romance e as chamadas escritas de si a partir da leitura de três textos da escritora canadense de língua francesa Antonine Maillet, a saber: On a mangé la dune (1980), Le chemin Saint-Jacques (1996) e Le temps me dure (2003). Através do relato da história da personagem Radi/Radegonde, alter ego da autora originária da província marítima do Novo Brunswick, na região da antiga Acádia, acompanhamos o nascimento de sua vocação de escritora. Graças às ressonâncias autobiográficas dessas obras, marcadas pelo tema do retorno às fontes e da busca da origem, mas também das origens, podemos considerá-las com Philippe Lejeune (LEJEUNE, 1996) romances autobiográficos, nos quais a aventura das palavras alia-se à viagem da e pela escrita em meio aos labirintos de uma memória ligada, ao mesmo tempo, ao destino pessoal de uma escritora e ao destino da coletividade acadiana.

Palavras-chave: escritas de si, romance autobiográfico, Antonine Maillet, literatura canadense de língua francesa, Acádia

1 Introdução

Philippe Lejeune, em *Le pacte autobiographe*, estabelece como critério para se definir a autobiografia que exista uma “*identidade de nome* entre o autor”¹ tal como aparece na capa do livro, o narrador e o personagem principal (Cf. LEJEUNE, 1988. p.23-24, grifo do autor). Mais adiante, referindo-se ao uso do pseudônimo, afirma que se trata de um nome de autor, um nome fictício dado por este ao personagem que assume a enunciação ao relatar sua vida. Considera que há casos em que o leitor pode se perguntar se a história do personagem em questão não seria exatamente a do autor, desde que disponha de informações sobre a vida do mesmo, além de possuir um conhecimento de outros textos de sua obra que evidenciam tratar-se de um relato vivido, e não de uma ficção. Tais textos entrariam na categoria do romance autobiográfico que Lejeune define da seguinte forma:

chamarei assim todos os textos de ficção nos quais o leitor pode ter razões para suspeitar, a partir das semelhanças que crê adivinhar, que existe identidade entre o autor e o *personagem*, enquanto que o autor escolheu negar esta identidade, ou pelo menos não afirmá-la. Definido assim, o romance autobiográfico engloba tanto narrativas pessoais (identidade do narrador e do personagem), quanto narrativas “impessoais” (personagens designados na terceira pessoa); definindo-se no nível de seu conteúdo. Diferentemente da autobiografia, ele comporta certos *graus*. [...] Já a autobiografia não comporta graus: é tudo ou nada. (LEJEUNE, 1988. p.25, grifo do

¹ Sempre que houver citação em português de livros cujas referências estejam em francês, trata-se de tradução nossa.

autor).

2 *On a mangé la dune* : o romance da infância

On a mangé la dune, publicado em 1962, é o romance da infância de Radi, paraíso terrestre e época dourada que contém um tesouro de histórias e aventuras que servirão de matéria prima para a futura escritora. A personagem, que tem oito anos no início da trama, sendo a oitava e última filha de uma numerosa família, terá que amadurecer rapidamente no confronto com uma realidade hostil. Ela tem consciência de ter nascido num mundo repleto de obstáculos, a começar pelo fato de ser do sexo feminino, uma limitação numa sociedade tradicional como a acadiana. Diante das escolhas limitadas que se lhe apresentam: ser religiosa, solteirona ou esposa, Radi sonha em seguir uma profissão que ainda não tem nome. (Cf. VIAU, 2008. p.38).

De todo modo, ainda que este relato de infância narrado na terceira pessoa seja marcado por dificuldades, como a doença do pai que vai desorganizar o universo, mas também as finanças da família, o que obrigará os filhos a trabalhar desde cedo, não se trata de um romance triste. Como nos diz Robert Viau “os elementos trágicos da vida [de Radi] são sempre percebidos pelo filtro da infância, o que não diminui em nada o drama, mas a este sucedem rapidamente elementos alegres e festivos” (VIAU, 2008. p.40). Logo a espevitada Radi começa uma carreira de vendedora de jornais, ganhando um salário como um homem. Aliás, a personagem empreenderá uma luta contra todas as formas de injustiça, sociais e sexuais, num universo dominado pelo sexo oposto. Esta pequena feminista, que nas brincadeiras com outras crianças escolhe sempre o papel do príncipe ou do feiticeiro, deseja realizar proezas, como os meninos: ela quer *faire l’homme* (isto é, agir como os homens), assumindo tarefas que, na época, não eram destinadas às mulheres, reivindicando os mesmos direitos e privilégios para ambos os sexos.

Esta combatividade da personagem, que aos poucos percebe as desigualdades sociais entre francófonos e anglófonos na sociedade acadiana, aparece mais claramente no episódio em que descobre a história de seu povo, o que a leva a cortar relações com os colegas de ascendência inglesa com quem brincava até então inocentemente. Num ato de insubordinação, Radi convoca seus amigos a rasgar as calças de Wellington, *le fils des exilés*, enquanto canta “La Marseillaise” numa versão ligeiramente adaptada: “Allons enfants de l’Acadie, / Le jour de guerre est arrivé. / [...] / Allons, les fils de la patrie, / Les descendants des exilés. [...]”. (MAILLET, 1980. p.388).

Da Radi **revolucionária**, passamos para a Radi *conteuse* (contadora de histórias), que ambiciona superar os homens (isto é, humanidade) e, se comparando a Deus, deseja (re)criar o mundo com sua imaginação. Este relato de infância, no entanto, é também o relato da morte da infância (MAILLET, 1963. p. 411), já que termina com a evocação de um tempo que não volta mais. Tal como a duna de areia é devorada pelo reflexo do sol, provocando o espanto de Radi que exclama: “— On a mangé la dune! [...]” (MAILLET, 1963. p.411), a época dourada dos jogos infantis é devorada pelo tempo. Mas se há um elemento nostálgico na evocação da infância, encontramos, igualmente, neste romance, “esta característica tipicamente mailletiana, qual seja: uma irresistível vontade de vencer e de superar os obstáculos, não importando os esforços feitos nem as aflições suportadas”. (VIAU, 2008. p.44).

Desde a publicação de *Le pacte autobiographique*, uma série de teóricos e escritores debruçaram-se sobre as escritas de si, aprofundando o debate e tentando trazer respostas às questões deixadas em aberto pelo ensaio de Philippe Lejeune. Os desdobramentos em torno da noção de “autoficção”, lançada pelo ensaísta e autor Serge Doubrovsky, levaram críticos como Gérard Genette e Vincent Colonna a propor que o termo seja reservado para “os casos de ‘ficcionalização do eu’, isto é, de projeção no imaginário de um personagem portando o nome do autor”. (GASPARINI, 2004. p.12) Em *Est-il je?: Roman autobiographique et autofiction*, Philippe Gasparini reflete sobre a ambiguidade genérica do romance autobiográfico, marcado por uma dupla recepção, ao mesmo tempo ficcional e autobiográfica. Gasparini defende uma concepção genérica do romance

autobiográfico, o qual

vai se definir por sua política ambígua de identificação do herói com o autor: o texto sugere confundi-los, sustenta a verossimilhança desse paralelo, mas distribui igualmente alguns índices de ficcionalidade. A atribuição a um romance de uma dimensão autobiográfica é, pois, fruto de uma hipótese hermenêutica, o resultado de um ato de leitura. Os elementos de que dispõe o leitor para levantar esta hipótese não se situam apenas no texto, mas também no peritexto que o circunda, e no epitexto, isto é, nas informações recolhidas externamente. (GASPARINI, 2004. p.32).

A articulação de elementos ficcionais e referenciais faz do romance autobiográfico o lugar no qual o leitor, transformado em investigador, busca analisar as pistas de uma trama especular que joga com dados da biografia do autor, criando identificações e suposições de todo tipo. No caso dos textos em tela, a identificação biográfica passa pela vocação e, posteriormente, carreira do protagonista, que demonstra o desejo de se tornar escritora desde a mais tenra idade.

3 *Le Chemin Saint-Jacques* : a busca da(s) origem(ns) no labirinto da memória

Em *Le Chemin Saint-Jacques*, publicado em 1996, a personagem de Radi volta novamente à cena. O romance possui duas partes: a primeira intitulada “Radi”, é narrada na terceira pessoa, a segunda, “Radegonde”, na primeira. Mais do que uma simples mudança de focalização, estamos diante de um momento de interseção e de passagem entre dois mundos. A passagem da infância à adolescência e depois à idade adulta acompanha-se de inúmeros deslocamentos no espaço da personagem, cujo percurso se assemelha cada vez mais com o de A. Maillat. “Radegonde”, escreve Jammes de Finney, “persegue o sonho que a habita desde a infância, qual seja, entender suas origens, mas também as origens da Acádia, que ela pressentia, então, de maneira confusa, quando lia os contos e as lendas que lhe alimentavam ininterruptamente a imaginação”. (DE FINNEY, 2009. p.56).

Segundo Gasparini, basta “que o protagonista tenha por vocação escrever romances [para que] a probabilidade de confissão autobiográfica aumente. As repercussões desta identificação profissional se dão, em larga medida, em função do modo de enunciação”. (GASPARINI, 2004. p.56). Observa-se que, de Radi a Radegonde, a personagem assume a enunciação, de modo que “o escritor identificável ao autor ocupa, igualmente, a posição de narrador” (GASPARINI, 2004. p.57), tornando-se o centro do foco narrativo. Gasparini, ao examinar textos nos quais se opera esta dupla enunciação, afirma que

a passagem de uma pessoa para outra assinala uma mudança de registro narrativo: o ‘eu’ arrasta o texto na direção da autobiografia enquanto que o ‘ele’ arrasta-o na direção da ficção. A alternância permite, assim, ressaltar a distância que separa o narrador da personagem que era anteriormente [...]. (GASPARINI, 2004. p.154).²

“Ao fazer de seu herói um escritor”, como veremos mais adiante, “o autor cria um efeito de espelhamento que o leitor percebe como um índice de implicação pessoal na narrativa”

² Cf. Gasparini: “O torniquete das vozes nos adverte, com efeito, contra dois tipos de ilusões: a ilusão referencial e a ilusão ficcional. E nos aconselha, de certo modo, a usar óculos com lentes bifocais, a fim de que possamos ajustar, sem dificuldade, uma leitura próxima e identificadora a uma compreensão distanciada. Consequentemente, requer uma recepção vigilante, inteligente, por vezes desconfortável, sempre sobre o fio da pergunta: ‘Será ele eu?’”. (GASPARINI, 2004. p.157-158).

(GASPARINI, 2004. p.60).³

Na primeira parte, vamos nos deter em três momentos que estão ligados à percepção da vocação de escritora pela protagonista. O primeiro diz respeito às escolhas que se apresentavam para uma jovem acadiana na década de trinta, a que aludimos anteriormente. Diante das três vias apontadas pela irmã Céline: “mère de famille, *willygieuse*⁴, vieille fille” (MAILLET, 1996. p.33, grifo nosso), Radi escolhe ... a quarta: “— La petite Cendrillouse” (MAILLET, 1996. p.33), nomeando, assim, um destino que remete ao universo dos contos de fadas, no qual ela teria o papel da Gata Borralheira. Anos mais tarde, depois da descoberta dos livros e da paixão pela leitura, Radi começa a ter mais clareza sobre o caminho a seguir : “... Après toutes ces années, elle n’avait pas encore trouvé mais pressentait qu’un quatrième choix se cachait derrière les mots”. (MAILLET, 1996, p.135).

A escola serve de cenário e de revelador da condição minoritária da comunidade acadiana face à dominação cultural e econômica dos falantes de língua inglesa. Durante a leitura do conto “La dernière classe”, de Alphonse Daudet, em sala, Radi desperta para a ameaça que pesa sobre sua língua e sua cultura. Em outro momento, quando a professora propõe aos alunos que escrevam uma redação contando o próprio enterro em inglês, a menina, então com doze anos, se opõe categoricamente. Os argumentos utilizados pela professora de que a língua da maioria representa um meio de subir na vida para os acadianos de nada adiantam:

— J’écrirai, en français.

La maîtresse, estomaquée, prend trois secondes pour répondre, mais sans lâcher prise :

— Tu écriras ? Où ça ? Dans la *Revue des fermières* ? le Journal *L’Évangéline* ?

— J’écrirai des livres. (MAILLET, 1996. p.213, grifo da autora).

O título da redação, *My Own Funeral*, é ilustrativo da perspectiva da possível morte por sufocação/assimilação da língua e da cultura acadiana.

Na segunda parte do livro, Radegonde viaja para a França onde fará pesquisas para a tese que está escrevendo sobre os gigantes *Gargantua* e *Pantagruel*, o que nos leva a traçar um paralelo com a tese de doutorado de Maillet intitulada *Rabelais et les traditions populaires en Acadie* e publicada em 1971. Aqui podemos perceber que Maillet joga com a intertextualidade e com o metadiscorso referencialista⁵ (Cf. GASPARINI, 2004. p.136), já que, efetivamente, fez estudos na França como bolsista, o que culminou na publicação de seu ensaio mencionado acima. Como nos diz Gasparini,

Em razão de seu *status* híbrido e instável, o romance autobiográfico tem, às vezes, a necessidade de espelhos ou de ecos que possam remeter-lhe a própria imagem. A intertextualidade permite ao autor precisar ou problematizar a posição ocupada por sua narrativa no eixo ficção/referência em comparação com textos cujo *status* apresenta-se bem estabelecido. (GASPARINI, 2004. p.116).

Neste romance de volta às fontes e às origens, Radegonde empenha-se em cumprir mais do que uma tarefa, uma missão: “— ... Avec des mots, je pourrais rebâtir le monde, recommencer la Création laissée en plan, retracer le chemin parcouru depuis l’aube des temps, cogner, mais cette fois pour de vrai, aux portes du paradis [...]”. (MAILLET, 1996. p.356).

³ De acordo com Gasparini, “o leitor ficará mais surpreso com uma mudança de modo de enunciação no próprio decorrer da narrativa”. (GASPARINI, 2004. p.152).

⁴ Trata-se da palavra *religieuse*, que significa religiosa, freira.

⁵ Gasparini qualifica de “referencialista” todo metadiscorso no qual o autor, ou seu porta-voz, apóia a conformidade de seu discurso na realidade daquilo que viveu. Seu objetivo é convencer o leitor de que este não está lidando com uma ficção, mas com uma espécie de autobiografia. O metadiscorso referencialista desmente, consequentemente, o caráter ficcional da narrativa [...]. (GASPARINI, 2004. p. 136).

Viagem iniciática acompanhada de “uma peregrinação pessoal” (Cf. VIAU, 2008. p.258),

Le Chemin Saint-Jacques possui, certamente, uma dimensão autobiográfica, mas Antonine Maillet, como a maioria dos autores acadianos de sua geração, escolheu viver e escrever na fronteira do Nós e do Eu, do coletivo e do individual. Através de Radegonde, a autora quer salvar tudo, o passado acadiano, os sonhos da infância, as referências religiosas e bíblicas, os laços com a França e as outras culturas que alimentaram a sua e a cultura acadiana. (DE FINNEY, 2009. p.58).

A busca por suas raízes a conduz à casa de seus ancestrais em Paris, onde viveram “três irmãos pedreiros que, em 1250, esculpam a fachada da catedral de Notre-Dame e que receberam o nome da ferramenta que utilizavam”⁶ (VIAU, 2008. p.255). Ela viaja também para outros países: na Grécia, conhece a região da antiga Arcádia; no território correspondente à antiga Mesopotâmia, procura vestígios dos acádios (ou acadianos), que viveram há dois mil anos antes de nossa era. A notícia do agravamento do estado de saúde da irmã Sophie⁷, que sofre de câncer, precipita a volta da protagonista. Depois de percorrer os “caminhos de sabedoria”⁸ em seu périplo identitário pela Europa e pela Terra Santa, ela é obrigada a renunciar a trilhar o caminho de Santiago de Compostela. No entanto, tem a oportunidade de fazer “un voyage de rechange” (MAILLET, 1996. p. 364), isto é, uma viagem alternativa, caminhando pelo labirinto da catedral de Amiens:

... un dédale de pierres noires et blanches si savamment construit que le pèlerin prenait le même temps pour déboucher au centre du labyrinthe que pour atteindre Compostelle. Le Chemin Saint-Jacques peut se parcourir ici. Les démunis, les malades, les vieillards, les voyageurs nés hors du temps des pèlerinages, comme nous, ont aussi accès au pardon. (MAILLET, 1996. p.364).⁹

Nos momentos de incerteza, Radegonde apela para Radi: “[seu] duplo, [sua] musa, [seu] guia intrépido”. (Cf. MAILLET, 1996. p.286). Como vimos anteriormente, “Radi e Radegonde encarnam dois tempos de uma vida: a infância e a maturidade” (VIAU, 2008. p.160). Pode-se falar numa espécie de desdobramento de personalidade da narradora-personagem, que, tendo atingido a velhice, retorna metaforicamente à infância que considera o lugar de todas as possibilidades.

O enunciador em *Le Chemin Saint-Jacques* organiza-se como uma instância proteiforme, atravessada por um conjunto de discursos que vão se concentrar, a partir da segunda parte, em torno de uma certa imagem da *Bildung*, como formação do indivíduo pelo contato com o estrangeiro. À instituição literária, evocada na primeira parte, acrescenta-se o saber acadêmico, na segunda. Finalmente, a decisão da protagonista (e narradora da segunda parte) em consagrar-se à literatura reforça cada vez mais a identificação profissional de que falamos há pouco. Como escreve Gasparini, “que o herói seja ele próprio romancista e eis que se encontram justificados os comentários intertextuais e metadiscursivos” presentes em seus textos. (GASPARINI, 2004. p.60).

4 *Le temps me dure*: diálogo entre a memória do passado e o presente da escrita

O romance *Le temps me dure*, expressão do francês acadiano que significa “tenho pressa”,

⁶ O substantivo *maillet* designa uma ferramenta próxima do martelo.

⁷ Cf. “[...] Sophie dont le nom signifie sagesse [...]”. (MAILLET, 1996. p.366).

⁸ Cf. o título do ensaio *Chemins de sagesse: traité du labyrinthe*, de Jacques Attali. (ATTALI, 1996).

⁹ Jacques Attali distingue quatro significações do labirinto : 1) nas civilizações antigas, a passagem da vida para a morte ou, em outros termos, a viagem para o além; 2) a travessia de uma prova levada a cabo por um indivíduo ou coletividade; 3) uma iniciação e 4) a ressurreição, a transformação ou transfiguração daquele que logrou chegar ao fim do caminho. (Cf. ATTALI, 1996. p.65-67). No caso de Radegonde, podemos dizer que a travessia do labirinto da catedral de Amiens, representação de sua busca tanto de novos horizontes quanto de autoconhecimento, assinala a conscientização do verdadeiro sentido da vida para a personagem.

narrado na primeira pessoa, foi publicado em 2003. Neste texto, a **missão** de Radegonde, que escolhe dar voz a sua Acádia natal por meio da escrita, é semelhante a da própria Maillet, que **funda** uma tradição literária cuja expressão, à época em que publica seus primeiros textos, era incipiente. Este romance

aparece como uma tentativa de diminuir a distância entre o passado e o presente, estabelecendo um diálogo entre as duas encarnações da mesma personagem, sendo, pois, uma nova tentativa de ‘reconciliar Radegonde e Radi’ [...], a memória e o sonho. A barreira do tempo é abolida, a fronteira entre o aqui e agora e o passado distante é transposta. A personagem adulta tenta atualizar os momentos intensos de sua infância através das conversas que a transportam ao mundo de Radi, enquanto a menina fala de seus sonhos e entrevê seu futuro. (VIAU, 2008. p.265).

Nesta obra, a escritora narradora, agora uma “escritora consagrada” (Cf. GASPARINI, 2004. p.59-60), encontra-se às voltas com o balanço de sua vida e carreira. A protagonista, que chegou à velhice, não pretende mais recriar o mundo como no texto anterior, nem acumular um saber enciclopédico sobre as culturas, os povos e os países que percorreu, mas, antes, prefere deixar-se transportar para o universo onírico da infância, este paraíso para sempre perdido. Agora que alcançou a sabedoria adquirida com a idade e com as experiências de vida, Radegonde tem fome de histórias e, na companhia de seu “guia intrépido”, se lança numa louca viagem ao passado, durante a qual revive momentos como as festas tradicionais que marcavam o calendário acadiano. Ela participa ora como espectadora ora como personagem das inúmeras histórias que povoaram a sua infância: A Gata Borrallheira, O Barba Azul, João e o pé de feijão, o Pequeno Polegar, Chapeuzinho Vermelho, O gato de botas, etc. Embora Radegonde confesse ter dificuldade em acompanhar a vivacidade de uma criança cheia de energia e de artimanhas (ninguém mais do que ela mesma no passado!), o “tenho pressa” referido no título do livro fala mais alto. Somos, assim, levados de roldão para mais uma excursão que atravessa os séculos, vai da antepassada acadiana de *Port-Royal*, no século XVII, à Idade Média européia, passando pela Gália, depois ao primeiro Cro-Magnon. Em seguida, a narradora nos leva a presenciar a História Santa revista e corrigida por Radi. (Cf. VIAU, 2008. p.267). Finalmente, chegamos ao Paraíso terrestre, última escala desta vertiginosa viagem no tempo:

Le temps me dure, escreve Viau, quer dizer que se tem pressa e Radegonde tem pressa em encontrar de novo o encantamento de Radi, seu frescor, sua liberdade, sua inocência. Radi, por sua vez, tem pressa em adquirir toda a sabedoria de Radegonde, em dar a volta ao mundo, escutar outras línguas, encontrar outras pessoas, viver em outros lugares. Mas, afinal de contas, a velhice não pode trazer de volta o paraíso perdido da infância. Qual seria então a solução? Uma vez mais, Maillet, numa obra cada vez mais pessoal, evoca o papel salvador da criação literária. (VIAU, 2008. p.269).

Depois de constatarem a pasmaceira da vida no Paraíso cristão, Radi e Radegonde, que não têm segredos entre si, resolvem fazer confidências uma a outra. Radegonde/Maillet confessa à criança que foi um dia: “La vie a du sens puisque nous la passons à le chercher. *Le vrai bonheur est dans la course au bonheur* (MAILLET, 2003. p.262, grifo nosso). Radi/Maillet, por sua vez, revela o voto que fizera à famosa escritora que será um dia, depois de dar uma sonora gargalhada: “Recréer le monde avec un crayon et du papier” (MAILLET, 2003. p.263). Fecha-se o círculo.

No sexto capítulo de seu ensaio dedicado ao romance autobiográfico, Gasparini se interessa pelos recursos retóricos de que os romancistas lançam mão para dar mais credibilidade a suas

alegações de sinceridade. Podemos com Gasparini explorar o *ethos* da narradora¹⁰ em sua luta pela afirmação da identidade acadiana *pari passu* com a criação de uma poética ligada ao destino de sua comunidade¹¹. Neste contexto,

os lugares de combate exigem uma personalidade bem enérgica. O herói ultrapassou o estágio das confissões depressivas para se assenhorear de sua história. Rebelar-se contra a adversidade e defende seu direito à existência. O autor o acompanha e o apóia nesta iniciativa a ponto de fazer crer que poderia tratar-se de sua própria história [...]. (GASPARINI, 2004. p.279).

Podemos ainda ressaltar o lugar (*topos*) da heroicidade que, no caso da protagonista dos textos estudados, tem menos a ver com a imagem de um aventureiro romanesco do que com a evocação de um conjunto de fatos e experiências que conotam um destino excepcional. Através das referências a viagens, encontros, além da construção de uma carreira de sucesso ao longo de mais de cinquenta anos, a narradora da segunda parte de *Le chemin Saint-Jacques* e de *Le temps me dure* constrói uma imagem de si plena de energia e positividade, atualizando um dos procedimentos de valorização do herói destacados por Philippe Gasparini, a saber: “a exaltação de sua potência criadora”. (GASPARINI, 2004. p.280).

Conclusão

Para concluir, gostaríamos de dizer que foi um enorme prazer compartilhar nossa leitura desses romances de Antonine Maillet. Trata-se de uma grande autora, infelizmente, pouquíssimo conhecida em nosso país. O trabalho em torno do romance autobiográfico aparece para o pesquisador em literatura comparada como uma via e um viés extremamente ricos, principalmente, no contexto de trocas e de interfaces que este congresso nos permite realizar.

Referências Bibliográficas

- 1] AMOSSY, Ruth. La notion d’ethos de la rhétorique à l’analyse de discours. In : ____ (org.). *Images de soi dans le discours : la construction de l’ethos*. Lausanne/Paris : Delachaux et Niestlé, 1999, p.9-30.
- 2] ATTALI, Jacques. *Chemins de sagesse: traité du labyrinthe*. Paris : Fayard, 1996.
- 3] FINNEY, James de. O peso da memória: história e literatura na Acádia. *Interfaces Brasil/Canadá*, Rio Grande : FURG/ABECAN, n. 10, p.47-61, 2009.
- 4] GASPARINI, Philippe. *Est-il je?: roman autobiographique et autofiction*. Paris : Seuil, 2004. (Collection Poétique, dirigée par Gérard Genette)
- 5] LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris : Seuil, 1996.
- 6] MAILLET, Antonine. *Pointe-aux-Coques* suivi de *On a mangé la dune*. Verviers (Belgique) : Marabout, 1980.
- 7] _____. *Le Chemin Saint-Jacques*. Montréal: Leméac , 1996.
- 8] _____. *Le temps me dure*. Montréal: Leméac/Actes Sud, 2003.

¹⁰ Na Retórica clássica, a noção de *ethos* designa “a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do ato oratório” por um dado locutor. (AMOSSY, 1999. p.10). Em outras palavras, trata-se da imagem que o enunciador projeta sobre a platéia durante sua locução.

¹¹ Cf. “Dénonciation”. (GASPARINI, 2004. p.275-279).

- 9] VIAU, Robert. *Antonine Maillet : 50 ans d'écriture*. Ottawa : Les Éditions David, 2008.
(Coll. Voix savantes, 29)

iAutor

Renato VENÂNCIO HENRIQUE DE SOUSA
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
rvhsousa@uol.com.br